




CAPÍTULO 2

TRANSFORMAÇÕES NO ENSINO DE GEOGRAFIA: A TECNOLOGIA COMO PARTE DO PROCESSO

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.143122523072>

Edvandro da Paz Amorim

Núbia Santos da Silva

Alex Araújo Albino

Analice Dias Bispo

Emerson de Jesus Reis

Clóvis Costa dos Santos

Mariele Santos da Paixão

Guilherme Mota de Lima

Amanda Santos Silva

Iana Pereira Santos

Ronieri Leal dos Santos

Tamires de Jesus Galvão

PALAVRAS-CHAVE: Educação; metodologia; formação.

INTRODUÇÃO

Diante das nuances da sociedade atual, que diretamente influenciam nos modelos de ensino da disciplina da Geografia, o presente estudo aborda as transformações no ensino de Geografia a partir da inserção de tecnologias digitais no processo educativo. Considerando a importância da disciplina na formação cidadã e os desafios enfrentados na transição do ensino tradicional para metodologias mais críticas e interativas, o trabalho tem como objetivo compreender de que forma os

recursos tecnológicos podem contribuir para o ensino da Geografia, identificando oportunidades e obstáculos nesse processo. Especificamente, busca-se analisar a evolução das práticas pedagógicas, o papel do professor como mediador e as possibilidades e limitações do uso das tecnologias na educação básica. A pesquisa se caracteriza como exploratória e fundamenta-se em revisão bibliográfica sobre o uso de tecnologias no ensino, as abordagens teóricas da Geografia escolar e a formação continuada de professores. O texto está estruturado com base em três eixos principais: a trajetória histórica do ensino de Geografia, a formação docente e o uso de recursos tecnológicos na sala de aula. Para isso foram utilizados apoio teórico e empíricos, a partir de revisão bibliográfica e experiências vividas durante os Estágios Supervisionados I e II, realizados entre os anos de 2020 e 2023, no município de Jaguaquara-BA.

METODOLOGIA

Os métodos de pesquisa se adequam ao modelo de natureza qualitativa e exploratória. A primeira etapa consistiu em levantamento bibliográfico sobre ensino de Geografia, metodologias críticas, formação docente e uso de tecnologias na educação. A segunda etapa envolveu observações e análise de relatórios de estágios supervisionados em uma escola pública da zona rural de Jaguaquara. Utilizou-se a técnica de observação participante e o relato de experiência como instrumentos de coleta de dados. Segundo Gasque (2007), a pesquisa exploratória “ênfatisa a geração e a evolução de teorias que possam especificar melhor o fato ocorrido e as condições de sua ocorrência”. A análise foi pautada na articulação entre teoria e prática, considerando o contexto real da escola pública onde ocorreram os estágios, marcada por limitações técnicas, mas também por possibilidades criativas de inovação didática.

DISCUSSÕES E RESULTADOS

A Geografia enquanto disciplina escolar deve contribuir para a formação de um pensamento crítico, voltado à compreensão das relações entre sociedade e espaço. No entanto, ainda se observa a presença de práticas pedagógicas tradicionais, centradas na repetição de conteúdos e na memorização de informações. Callai (2001) destaca que o ensino tradicional da Geografia tende a limitar-se à transmissão de conteúdos estáticos, sem considerar as dinâmicas sociais e territoriais que envolvem os sujeitos. Em oposição a esse modelo, a Geografia crítica propõe uma abordagem voltada à leitura da realidade, permitindo aos estudantes refletirem sobre os processos que moldam o espaço vivido. Para isso, é fundamental que o ensino da Geografia esteja articulado ao cotidiano dos alunos, com metodologias que favoreçam a problematização do espaço e a participação ativa no processo educativo.

O papel do professor é central na construção de um ensino de Geografia mais reflexivo, dinâmico e contextualizado. Contudo, a realidade educacional brasileira ainda apresenta diversos desafios no que diz respeito à formação docente. Segundo dados apresentados por Santo e Lima (2020), apenas 35,1% dos professores têm acesso à formação continuada. Além disso, Cacete (2015) aponta que somente cerca de 25% dos docentes que lecionam Geografia no ensino médio possuem formação específica na área. Essa situação evidencia a urgência de se investir em políticas públicas voltadas à valorização e qualificação do professor. A formação inicial precisa articular teoria e prática, enquanto a formação continuada deve promover o aperfeiçoamento constante, principalmente no que diz respeito ao uso de tecnologias educacionais. Os programas institucionais como o PIBID e a Residência Pedagógica se mostram como alternativas eficazes para aproximar o licenciando da realidade escolar, promovendo experiências significativas no aperfeiçoamento profissional na formação docente.

Com o avanço das TICs, o ensino passou de forma intensa a incorporar novos instrumentos e possibilidades metodológicas. A pandemia da COVID-19 acelerou esse processo, obrigando professores e estudantes a se adaptarem a novos formatos de ensino, como o remoto e o híbrido. No entanto, o uso das tecnologias no ensino da Geografia não se limita e nem deve, à substituição da lousa e do livro pelo slide ou pelo vídeo, trata-se de uma adequação a realidade de uma sociedade modificada a partir do surgimento das novas tecnologias, e isso exige planejamento pedagógico e compreensão crítica dos recursos utilizados. Ladeira (2022) afirma que “as diferentes tecnologias enriquecem nossas possibilidades de aprender e facilitam novas descobertas, pois potencializam as maneiras como pensamos, comunicamos e adquirimos informações”. Isso reforça a ideia de que as tecnologias não devem ser vistas como soluções mágicas, mas como ferramentas de mediação entre o conhecimento e a realidade dos estudantes.

Entre os recursos mapeados durante o estudo, destacam-se plataformas como Google Earth e Street View, que permitem a visualização de diferentes paisagens e territórios em tempo real, além de aplicativos como Seterra, StudyGe e Mapa do Mundo, que auxiliam na fixação de conteúdos de forma lúdica e interativa. Cabral, Angelim e Santos (2022) destacam que “as TDIC trazem um leque de possibilidades didático-pedagógicas que facilitam a mediação do processo de ensino e aprendizagem, buscando meios acessíveis e de domínio público que possam ser inseridos no cotidiano das salas de aula”. Apesar das potencialidades, ainda há obstáculos como a falta de infraestrutura tecnológica nas escolas públicas e a desigualdade de acesso entre os alunos. Muitos professores também não recebem a formação adequada para explorar esses recursos de forma crítica e eficaz. Por isso, o uso das tecnologias deve estar sempre alinhado ao projeto pedagógico, integrando conteúdos, objetivos e metodologias coerentes com a proposta educativa da escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das análises realizadas, conclui-se que o ensino de Geografia enfrenta uma encruzilhada entre o modelo tradicional e as novas demandas tecnológicas. A pandemia escancarou as desigualdades no acesso aos meios digitais e evidenciou a necessidade urgente de repensar as metodologias utilizadas nas escolas brasileiras. A incorporação das TICs ao ensino da Geografia é viável e desejável, desde que acompanhada de políticas públicas que garantam infraestrutura, formação continuada dos docentes e autonomia pedagógica para criação de práticas contextualizadas. O uso de recursos digitais pode contribuir para o desenvolvimento do pensamento crítico, para a leitura de mundo e para o protagonismo dos estudantes. No entanto, é fundamental reconhecer que a tecnologia, por si só, não garante a qualidade do ensino. Ela deve ser utilizada como ferramenta pedagógica, articulada a um projeto educacional comprometido com a justiça social, a equidade e a transformação da realidade. É nesse sentido que a formação de professores deve caminhar: promovendo a reflexão sobre o papel do educador e a importância de integrar saberes, metodologias e tecnologias em prol de uma educação geográfica significativa, crítica e emancipadora.

REFERÊNCIAS

GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias. Teoria fundamentada: nova perspectiva à pesquisa exploratória. 2007. Disponível em: <http://icts.unb.br/jspui/handle/10482/9610>. Acesso em: 29 ago. 2024.

CABRAL, Ilma da Silva; ANGELIM, José Aurimar dos Santos; SANTOS, Renato Batista dos. Objetos de aprendizagem e Programa Residência Pedagógica: uma experiência didática com bolsistas da Licenciatura em Ciências da Computação. In: LIMA, Aline dos Santos; PENA, Patrícia Carla Alves; MACHADO, Silvio Marcio Montenegro (orgs.). *Programa Residência Pedagógica no IF Baiano: reconfigurações da docência em tempos de pandemia*. Curitiba: Appris, 2022. p. 63-87.

CACETE, Núria Hanglei. Formação do professor de Geografia: sobre práticas de ensino e estágio supervisionado. *Revista da Casa da Geografia de Sobral (RCGS)*, v. 17, n. 2, p. 3-11, 2015.

CALLAI, Helena Copetti. A Geografia e a escola: muda a geografia? Muda o ensino?. Terra Livre, n. 16, p. 133-152, 2001. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/terralivre/article/view/353>. Acesso em: 1 dez. 2024.

LADEIRA, Francisco Fernandes. As Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação no ensino de Geografia: para além de visões instrumentais. *Ensino em Re-Vista*, v. 29, 2022.

SANTO, Eniel Do Espírito; DE LIMA, Tatiana Polliana Pinto. Formação continuada para tecnologias digitais em tempos de pandemia: percepções docentes sobre o curso Google Sala de Aula. *Dialogia*, n. 36, p. 283-297, 2020. DOI: 10.5585/dialogia.n36.18355.